



DESAFIOS E VIVÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL.

Karla Suziane de Abreu Dantas Vieira ¹, Sabrina Matos Serra ²

¹ Universidade de Fortaleza; ² Universidade de Fortaleza

suzianek@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo relata uma pesquisa de intervenção grupal, na qual foi observado durante uma experiência de monitoria, que nas discussões com um grupo de alunos da disciplina Prática Integrativa V, ofertada no quinto período do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza/UNIFOR, que muitas das questões levantadas giravam em torno dos desafios que essa prática proporciona. Essa disciplina tem como objetivo entrevistar pacientes de uma instituição psiquiátrica, por meio de um roteiro de anamnese e levantar hipóteses diagnósticas sobre um paciente. Percebemos que os alunos apresentavam dúvidas e anseios com relação à forma de abordar o paciente acometido por transtorno mental; qual a postura profissional de um estudante e futuro psicólogo no âmbito de um hospital psiquiátrico; medos e angústias ao se deparar com a prática do psicólogo no campo da saúde mental entre outras. Com isso, sentimos a necessidade de trabalhar com esse grupo objetivando de desenvolver estratégias de intervenção em processos grupais com o uso da técnica de grupo focal, que favorece a aproximação, integração e envolvimento com os participantes, por ser uma técnica diagnóstica que permite o entendimento e o redirecionamento de um determinado tema.

Palavras-chave: *Grupo Focal. Intervenção. Prática Integrativa. Psicologia. Saúde Mental.*

Introdução

Este trabalho visa desenvolver estratégias de intervenção em processos grupais com o uso da técnica de grupo focal, que favorece a aproximação, integração e envolvimento com os participantes, por ser uma técnica diagnóstica que permite o entendimento e o redirecionamento de um determinado tema.

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em



jogo. A despeito disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *a priori*, para investigações qualitativas. (KIND, 2004)

Neste sentido o objetivo deste trabalho foi desenvolver estratégias de intervenção em processos grupais com um grupo de alunos do curso de psicologia que cursam a disciplina Prática Integrativa V com o intuito de colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos com relação às expectativas e percepções ao que se refere ao campo da saúde mental.

Para desenvolver as intervenções, bem como a dinâmica dos seus participantes tivemos como objetivos específicos: compreender o processo de construção das percepções dos alunos com relação ao campo da saúde mental; facilitar o processo de discussão dos aspectos práticos e teóricos que envolvem a disciplina; identificar as necessidades e expectativas relacionadas à prática, bem como a atuação do psicólogo.

De acordo com Basch (apud IERVOLINO; PELICIONI, 2001) o uso do grupo focal, favorece a aproximação, integração e envolvimento com os participantes, possibilitando o desenvolvimento do processo, que contém procedimentos que visam compreender as experiências do grupo participante, do seu próprio ponto de vista sobre um determinado tema.

Com isso, por meio da análise dos dados obtidos, foi possível perceber e identificar as dificuldades sentidas pelos alunos, relacionadas à formação pessoal do psicólogo.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa se baseou nos princípios do grupo focal para a estruturação de ações diagnósticas e levantamento de problemas com o objetivo de facilitar a discussão vinculada ao tema, visando à exploração e reflexão dos alunos.

Como técnica de pesquisa qualitativa, a coleta de dados foi feita a partir das intervenções desenvolvidas em um contexto grupal composto por 10 alunos da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, que cursam a disciplina Prática Integrativa V do curso de psicologia, no qual a condução do grupo focal se deu a partir de um roteiro de tópicos, levantados pelos alunos, com relação às percepções, dúvidas e anseios ao que se refere à atuação do psicólogo no campo da saúde mental.

Foram realizados cinco encontros de 30 minutos em uma sala da própria Universidade, por ser um lugar acessível, silencioso e composto com cadeiras dispostas em círculo. Vale



ressaltar, que também acompanhamos os alunos nas seis visitas de campo realizadas em um hospital psiquiátrico, para observar e orientar a atuação dos mesmos.

Resultados e Discussão

Por meio da técnica de pesquisa qualitativa para diagnóstico denominada grupo focal, partimos da discussão focada em tópicos específicos e diretivos para conhecer as opiniões e percepções do grupo, com o intuito de investigar e verificar como os alunos percebiam e avaliavam a experiência de atuar na área da saúde mental. Com isso, percebemos que as opiniões, sentimentos e significados que definiam as percepções e expectativas relacionadas à prática de campo encontram-se associados a determinados fenômenos que se apresentavam em comum no grupo relacionados ao **medo e angústia**.

A condução das discussões se deu em etapas, onde inicialmente fizemos a abertura e preparação dos participantes com o objetivo de tranquilizar e estabelecer o enquadre para o grupo. Para isso, apresentamos e explicamos os objetivos do grupo, e, em seguida, asseguramos aos participantes que não existem opiniões corretas, que opiniões contrárias serão bem-vindas e que não há interesse em nenhuma opinião em particular. Observamos que os alunos começaram interagir, falando de suas expectativas e percepções prévias sobre o campo da saúde mental fazendo emergir e surgir um tema. O que foi mais abordado e discutido no grupo se organizava em torno de seus medos, anseios e angústias relacionados ao local da prática e da forma de atuação do psicólogo no campo da saúde mental.

Segundo Alves e Francisco (2009), refletir sobre o papel do psicólogo e o atravessamento ideológico em suas ações, exige a reavaliação de conceitos e pré-conceitos em busca de uma postura comprometida. Isso parece estar diretamente ligado ao período sócio-histórico que estamos atravessando, em que há sérias investidas em uma perspectiva teórico-metodológica comprometida com atendimentos humanizados e com o desenvolvimento de práticas inovadoras focadas na promoção da saúde do outro e da sociedade com um todo.

Partindo da reflexão comum entre a maioria dos estudantes de promover esse espaço de escuta e atenção ao sujeito adoecido, foi observada nas falas dos participantes a preocupação sobre qual o papel do psicólogo no âmbito hospitalar.



De acordo com Motta, Manuri, Leal, Medeiros & Nunes (2007), “uma das trilhas essenciais que fundamentam o processo e desenvolvimento da dinâmica grupal diz respeito à abordagem teórico-vivencial de aprendizado.” Ou seja, uma atividade que permita aos participantes a vivência de sua realidade, seguida de uma reflexão do que foi experienciado por cada um. Essa abordagem oportuniza a utilização de ferramentas que promovem interação, cooperação, comunicação autêntica, espontânea e a coesão entre os membros do grupo (p. 231).

Na medida em que os encontros grupais aconteciam, foi possível observar uma maior interação dos membros, a troca de sentimentos e percepções acerca do tema em discussão. As falas, de alguns participantes do grupo, foram bastante expressivas: “Após a primeira visita à instituição psiquiátrica eu chorei muito.”; “A minha angústia foi mais com relação aos meus próprios limites”; “Percebia que havia uma fantasia sobre a loucura”. (sic)

Um dos participantes diz que o medo do lugar foi desmistificado, mais que ainda se sente inseguro no exercício da escuta. Outro, diz que pelo o que já tinha ouvido falar sobre um hospital psiquiátrico, imaginava que era pior.

De acordo com Krueger (apud KIND, 2004) a análise de dados acontecendo de forma concomitante ao processo de condução do grupo deve ser considerada no processo de análise, para avaliar as palavras utilizadas na discussão e refletir sobre seus significados a intensidade em que elas são ditas, as posições tomadas pelos integrantes diante de determinados pontos, o quão aprofundado foi o debate e que ideias originais ele proporcionou.

Dessa forma, consideramos importante retomar a discussão sobre os sentimentos de medo e angústia colocados pelos alunos, após a experiência de campo vivida nas visitas realizadas à instituição psiquiátrica, considerando que o procedimento de análise de grupos focais envolve tanto uma análise temática quanto uma análise das interações, necessariamente interligadas.

Percebemos que algumas palavras continuavam a emergir no grupo e que as mesmas não se referiam diretamente aos conceitos teóricos que exigia a prática, mas estavam relacionadas à postura e sentimentos que perpassava na atuação do psicólogo. As palavras que surgiram foi: *insegurança, medo, naturalidade, respeito, tensão, angústia*.

Durante os relatos dos alunos observamos que os significados e percepções haviam modificado em relação ao primeiro encontro. Os participantes falaram de suas experiências relacionando com seus sentimentos, tornando possível a ressignificação de suas percepções,



possibilitando articular e refletir a atuação do psicólogo no campo da saúde mental.

Observamos que as opiniões e percepções dos alunos relacionadas a um mesmo sentimento apresentavam semelhanças e diferenças, construções e desconstruções, inerentes à intersubjetividade que estava em jogo.

Percebemos que duas palavras surgiram e que não haviam aparecido nos encontros anteriores. Essas palavras foram “respeito” e “naturalidade”. Pedimos que os alunos falassem sobre o significado dessas palavras e com relação ao “RESPEITO” fizeram referência à mudança do seu olhar, ressaltando o respeito às diferenças, valorizando atitudes mais humanizadoras. “Acho que com essa experiência me sensibilizei e serei um profissional mais humano e melhor”. (sic). O participante que escreveu “NATURALIDADE” também em seu relato faz referência à sua forma de ver é olhar essa experiência, dizendo que vê o outro como um sujeito. “Com essa experiência treinei o estranhamento, naturalizei os fenômenos de medo e angústia que havia em mim e me deparei com a realidade do hospital psiquiátrico e das possibilidades de atuação do psicólogo.” (sic)

Outro aluno diz: “Falar e conversar aqui me ajudou não sentir mais medo e desmistificar a idéia que tinha de um hospital psiquiátrico. Observei e escutei as orientações da monitora, e fui tentando colocar em prática relacionando com a teoria.” (sic)

Conclusão

Por meio da intervenção grupal, foi possível o acolhimento do aluno que se encontra na sua primeira experiência que se depara com o sofrimento psíquico mais de perto, no qual se faz necessário o exercício da escuta de pacientes com transtornos psiquiátricos e da atuação no campo da saúde mental. Durante o processo de intervenção grupal contribuimos para compreensão e esclarecimento com relação às representações que os alunos tinham sobre aspectos teóricos e práticos que a disciplina oferecia.

Percebemos que a técnica de grupo focal possibilitou a discussão e reflexão dos alunos, devido à criação de um espaço para a expressão das angústias e ansiedades relacionadas a esse campo de atuação. Esta aproximação valoriza os aspectos psicodinâmicos mobilizados na relação afetiva e direta com os participantes do estudo, devido à escuta. Estes conteúdos latentes cheios de significados que organizam e estruturam o modo de perceber e sentir a possibilidade de atuação do psicólogo no campo da saúde mental. Com as observações e dados colhidos



consideramos que essa técnica de intervenção facilita o diálogo, estabelece a comunicação e identifica as dificuldades enfrentadas pelo grupo, transitando entre os conteúdos explícitos e implícitos, tentando desvelar as resistências que podem se revelar como bloqueios importantes para prática no campo da saúde mental.

Dentre as novas interrogações e percepções geradas no grupo, destacamos os desafios do fazer psicológico em saúde mental, qual o papel do psicólogo em uma instituição psiquiátrica e quais as melhores estratégias para uma intervenção mais humanizada; além da importância da terapia individual e supervisão deste profissional para que possa trabalhar suas questões pessoais.

Por fim, com essa experiência percebemos que no encerramento da disciplina, os alunos estavam mais seguros quanto aos desafios que provavelmente enfrentariam no decorrer de sua formação e ao longo de sua vida profissional.

Agradecimentos

À professora Sabrina Matos por sua contribuição para o aprendizado, ao que se refere ao campo da saúde mental, pois nos fez refletir sobre o adoecer psíquico em sua complexidade.

Aos colegas e integrantes do grupo, que participaram desse trabalho com envolvimento e seriedade.

Referências

- GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de intervenção qualitativa: desafios metodológicos.** Paidéia. 12(24): 149-161, 2003.
- IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde.** Revista Esc USP, v.35, n.2, p.115-21, jun, 2001.
- LUCIANA, KIND. Notas para o trabalho com técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.10.n.15, p 124-136, junho 2004.
- MOTTA, K. A.; MUNARI, D. B.; LEAL, M. L.; MEDEIROS, M.; NUNES, F. C. **As trilhas essenciais que fundamentam o processo e desenvolvimento da dinâmica grupal.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 09, n. 01, p. 229 – 41, 2007. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/v9n1a18.htm>
Acesso em: 18/09/2017.
- MUCCHIELLI, R. **A Dinâmica de Grupo.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. Cap. 1 – Histórico da dinâmica de grupo (p. 2 a 13).
- RIVIÉRE, P.E. **O Processo Grupal.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1977.
- ZIMERMAN, David E. ET AL. **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

III SIMPÓSIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS MÉDICAS

